

JOSÉ SARAMAGO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

NOVEMBRO 2000

(Na ocasião do lançamento de “A Caverna”)

Azinhaga do Ribatejo, berço e infância. Revolveu a terra. Foi operário. É escritor. Conquistou o Nobel em 1998. Barro que volta costas ao plástico e deixa o futuro suspenso.

Saramago, apelido nascido da alcunha do pai. «E não chamem erva daninha aos saramagos que nem sequer atacam as culturas; até têm folhas comestíveis, se necessário, com uns bagos de arroz e um fio de azeite.»
Saramago: «Se caísse na tentação de falar de destino, diria que numa alcunha havia de estar o meu nome literário. Se fosse só José de Sousa, usaria pseudónimo.»

Alegoria para reflexão. Um homem que trabalha o barro nas palavras e acredita na morte do Sol.

Cada um de nós não será a sua própria caverna e o grande centro (comercial) surge como o carrossel que arrasta as cavernas com a alma prisioneira da dualidade do ser e ter? (Com todo o respeito pela alegoria de Platão...)

É possível. Se cada um de nós não fosse essa pequena e, ao mesmo tempo, imensa caverna, talvez não tivéssemos chegado à situação em que estamos, sem se haver encontrado soluções justas para a humanidade. Se já caverna temos dentro de nós, a vida, tal como está organizada, aumenta essa caverna. Aquele que está a ser cada vez menos é aquele que quer ter cada vez mais.

O barro que chamou para o seu novo romance é incompatível com a transcendência do ser?

É o ser que inventa a necessidade de uma transcendência. Fora das nossas cabeças, Deus não existe, nem o Diabo. O barro é compatível com a transcendência do ser (para usar a sua expressão), precisamente porque o barro humano mantém isso e muitas coisas mais dentro de si mesmo.

Ao dizer-se ateu, não está a partilhar da subjetividade da fé?

O único ser verdadeiramente ateu seria o que vivesse numa sociedade onde nunca tivesse surgido a ideia de um deus. Aí, nem a palavra «ateu» faria falta.

Acredita que o mundo acabará?

Não sei quando, mas é inevitável. O Sol apagar-se-á um dia. A questão de Deus existir ou não ainda se poderá discutir. Agora, acha que o Sol é eterno? Sendo um gerador atómico, quando se lhe acabar o combustível, morrerá. Tudo acaba.

Onde surgirá o homem novo?

O homem novo em quem acredito é aquele que desejaria que existisse hoje: mais humano.

O cão Achado de *A Caverna* é, porventura, a maior personagem do seu novo romance. Os cães entendem mais de amor?

Não direi tanto. Gosto de cães, tenho três em minha casa. Dos animais domésticos, talvez seja aquele com mais capacidade de entrega, mas não sei como pensa um cão, se é que pensa.

Há vários cães nos seus livros. Uma projeção do homem?

Qualquer tratamento literário de um animal passa pela antropomorfização. De alguma maneira transferem-se para o animal os nossos sentimentos, sem a certeza de que caibam lá. Tal como se inventam personagens humanas e é preciso pôr-lhes alguma coisa lá dentro, para que tenham uma lógica de comportamento.

***A Caverna* aproxima-se muito dos afetos. Nunca hesitou quanto a dever ser este o seu primeiro romance pós-Nobel?**

A ideia inicial (1997) tinha um entrecho mais disperso. É possível que, ao longo deste tempo, se tenha dado um amadurecimento da ideia e *A Caverna* acabou por ser pensada e trabalhada no sentido do aprofundamento dos sentimentos. A partir do primeiro diálogo entre pai e filha percebe-se que há qualquer coisa, ali, que está na esfera dos sentimentos e aponta para que se amplie e se vá englobando cada vez mais.

Quando considera ter atingido a maioridade na sua escrita?

Com *Levantado do Chão*, julgo ter-se dado um maior encontro com a minha própria voz; essa voz já existia nas crónicas, nos contos, na

poesia, no teatro, mas sinto que neste romance é usada de uma maneira mais intensa.

Se o homem é a medida de todas as coisas, crê que já atingiu a medida da perenidade como escritor?

Acontece o contrário. São as coisas que me medem a mim.

Valeria a pena descobrirmos as sombras das mil mortes que todos os dias o nosso corpo sofre?

Essas mil mortes não são a morte definitiva e as pessoas preferem não olhar para a realidade. Jogam às escondidas. A realidade é incómoda. Uma parte do mundo converteu-se a um dado espírito da Disneylândia. O consumismo. Duas obsessões: ganhar e gastar dinheiro. Um beco sem saída.

Passou-se de uma sociedade orientada pelos impérios políticos para outra, subjugada pelos impérios económicos?

Considera que o império económico não faz política? Apenas isto: no império político ainda se conservava a capacidade de indignação; o império económico só leva as pessoas a pensar que podem ter sempre mais.

A economia cria uma ideologia?

Quando falamos da morte das ideologias, não sabemos de que estamos a falar. Fala-se da morte das ideologias comunista, socialista, enfim. E, ao falar-se do económico, parece não se reparar que o económico cria os seus instrumentos políticos e a sua ideologia pode não parecer política em primeiro grau, mas é.

Vão acabar os políticos?

Numa entrevista que Norman Mailer (escritor americano) deu à Pilar (del Rio), disse: *Clinton é o último presidente dos EUA*. Mas clarificou: *A partir de agora, as corporações económicas – e não só – já não precisam de intermediários políticos*. Penso que os políticos não acabarão, mas serão cada vez menos poder e cada vez mais intermediários. Porém, quem efetivamente manda são os que já não precisam de intermediários para exercer o poder. O centro (comercial) da minha *Caverna* é apenas o símbolo desse processo mundial, ou de uma parte do mundo, porque em África deve estar-se à espera que os pretos acabem, para que estas potências explorem aqueles países.

Como vê uma África que pertenceu ao império português e teve a descolonização que se conhece?

Se calhar, todas as descolonizações são mal feitas por uma razão única: tivessem as potências coloniais desenvolvido os países colonizados e, quando se retirassem por força da história, os seus povos encontrariam países viáveis. Não falo só de Portugal.

A massificação cultural é um fator da devastação humana?

Há que refletir sobre essas e outras questões. Ninguém debate a globalização, já reparou? A televisão absorve muito, mas não tudo. Há pessoas para quem a televisão é importante e têm igualmente outros interesses. Onde estão as companhias de reportagem? Porque deixou a televisão de apresentar peças?

E as guerras das audiências?

Felizmente que os escritores, tantas vezes menosprezados, não se preocupam com as audiências. Cada um faz o seu trabalho da melhor maneira que sabe e pode.

**Há uma tendência para a comunicação de «penso rápido».
Diz-se que ninguém lê. Parece-lhe um falso problema?**

Não sei bem se a comunicação de penso rápido é porque ninguém lê ou se é para que ninguém leia. O que caracteriza hoje a comunicação – não só a escrita – são empresas de comunicação mais com uma lógica de empresa do que de comunicação. São os jornalistas que têm de dar resposta a isso.

A cultura constrói-se?

Basta deixá-la viver.

A raça dos desassossegados está em vias de extinção?

Creio que sim. Quando olhamos o mundo, as pessoas, o modo como decorre a vida social e, até, a intelectual, há um denominador comum: o sossego, no sentido de acomodação, alheamento, indiferença, apatia. Mesmo quando parece haver uma agitação, é superficial, não vai ao fundo das questões. O que me impressiona é não encontrar – ou eu não sei encontrar – aquilo a que chamaria debate de ideias. Gostaria que houvesse um pouco mais de desassossego, não de desassossego nas ruas para que não me acusem de coisas feias, mas desassossego nos espíritos.

Já não se revê no desassossego levado às ruas?

Essas fases passam e voltam. Não se pense que o tempo do desassossego nas ruas acabou definitivamente. Em circunstâncias que o justifiquem, digo que sim, voltaria à rua.

Considera-se um cético empírico ou um cético por utopia?

A palavra utopia nunca foi do meu agrado. Para mim, o conceito de utopia é paralisador. Trata-se apenas da minha opinião.

A utopia alimentou gerações que lutaram por ideais em tempos difíceis. Protagoniza o sonho. O sonho não é dinamizador?

Chame-se-lhe vontade, projeto, futuro; chame-se-lhe raiva no desejo e na alegria de transformar as coisas que estão mal.

As palavras dos seus livros é a sua forma de arremessar pedras contra a retórica ou formam a jangada para não se deixar naufragar?

Acho difícil que naufrague. Digo-o assim com toda a petulância. Se amanhã me chegar uma Alzheimer, certamente naufragarei. De contrário, com a cabeça que tenho, a maneira como penso e vejo o mundo e como me vejo a mim mesmo, a maneira como olho para os outros e para o Outro, será muito difícil encontrar-me numa situação de naufrágio.

Admitiu alguma vez que poderia explicar o mundo?

Explicar o mundo, que ideia!? O que se encontra nos meus livros é um modo de ver que nem de longe significa uma explicação. Há uns três ou quatro anos, num encontro de escritores, em Espanha, pediram-me para apresentar propostas para o milénio. Respondi: Não apresento propostas para o milénio, limito-me a apresentar propostas para amanhã, que é o que tenho de relativamente certo.

Uma dessas propostas?

Que se regressasse à filosofia. Eu não sou filósofo, mas eles existiram sempre e estão aí e estudam e trabalham. A filosofia pode ajudar a abrir o espírito para não se encarrilar numa direção única que deixa sempre gente e ideias de fora. Julgo ser uma via a seguir até à extinção da espécie humana.

Há um tratado espiritual da Antiguidade designado *Canção do Desesperado*. Daria um título destes a um livro seu?

Tenho a sensação de que o desespero é outra coisa, elimina tudo.

Já sentiu esse desespero?

No limite de uma pessoa se esborrachar contra uma parede, nunca senti. Também nunca dramatizei a minha vida.

Orienta-se pela relatividade?

Sim. Mas há coisas difíceis de relativizar, por exemplo, um profundo desgosto. Perante um grande sofrimento, a capacidade de relativizar baixa a orelha.

Para uma edição da Bíblia aceitou agora fazer uma introdução ao livro dos *Números* (Antigo Testamento). Por ter que ver com o êxodo e recenseamento do povo hebraico?

Porque esse livro da Bíblia está cheio de gente que se desloca e isso interessa-me imenso.

Fascinado pelo povo hebraico?

Nenhum fascínio em particular pelo povo hebraico nem por qualquer outro povo. Recentemente, em Nova Iorque, a Fundação Raoul Wallenberg pretendeu nomear-me seu membro honorário. Não aceitei. Com todo o respeito que tenho pelo sofrimento do povo hebraico (e não foi só o holocausto), e sem retirar nada do que esse respeito expressa em qualquer momento, disse que não aceitava porque estava à espera de que uma organização hebraica em qualquer lugar do mundo, mas sobretudo nos EUA, dissesse uma só palavra a favor dos palestinos. Quando isso acontecesse, estaria ao dispor. Essa palavra não se ouviu até hoje e provavelmente nunca será dita.

Falha uma cultura para a paz?

O problema está aí. Um dos grandes dramas da humanidade é que todos somos educados para a guerra logo na escola.

A Bíblia prende-se com Deus. Como é que um ateu aceita escrever sobre um texto bíblico?

A Bíblia é um documento humano. Pedra básica, pedra fundamental da nossa civilização.

Tem um projeto, também, na área da escrita policial. Por que escolheu Alexandre Dumas (Pai) para esse trabalho?

Existe uma espécie de fábrica Dumas do romance; Dumas e os seus colaboradores, uma prática que ao tempo toda a gente aceitava. Essa relação entre alguém que é o autor, que tem a ideia e a dá a desenvolver aos seus colaboradores, sugere-me eventuais situações de conflito. Vou inventar esse conflito que poderá levar a um crime. Espero divertir-me.

A memória dos seus livros está sempre ligada a Portugal. A verdadeira terra do homem é aquela onde radica a sua memória?

O lugar onde nasci é um sítio e um tempo. Prende-se à raiz da minha infância vivida em Portugal, mas nada de patriotismos ou nacionalismos.

O ano em que se cruzam os caminhos do autor d'*O Ano da Morte de Ricardo Reis* com os da jornalista Pilar del Rio foi o ano da vida de José Saramago?

É o ano em que me acontece o que de mais importante poderia acontecer na minha vida, que não foi o Nobel, não.

Foi o amor?

Sim.

Há sempre um riso guardado para um dia. Esse riso não aconteceu quando a Academia Sueca o consagrou, em 1998, o primeiro Nobel da Literatura portuguesa?

O pouco riso que tenho – na verdade, diga-se que nunca fui pessoa de riso – é qualquer coisa que aprendi com a Pilar. Mesmo não rindo muito, não sou hoje a pessoa fechada que fui.

A criança José, chocada com a falta de um beijo da mãe, que perdera outro filho, não reconhece hoje quantos mil beijos podiam estar na mãe que lhe oferece um livro (*O Mistério do Moinho*), mesmo não sendo alfabetizada?

Seria interessante que assim fosse. Mas não me queixo da minha mãe. Compreendo-a. Era uma mãe que amava os seus filhos. Um morrer e essa perda tornou-a mais áspera, certamente. Mas a criança que eu era não ficava satisfeita só por saber que a sua mãe a amava. Uma criança precisa de mais, necessita da expressão desse amor.

Continua na bagagem do viajante o seu – e sempre adiado – *Livro das Tentações*, que, afinal, irá chamar-se *Livro da Lembrança*?

Tenho todas as intenções de pôr mãos a esse trabalho. Há mais de quinze anos que ando a falar desse livro. Vai chegar o momento, até porque gostaria de tirar esta pedra do meio do caminho.

Enquanto homem de muitas interrogações, convido-o a fazer a si próprio a última pergunta desta entrevista. Responda-lhe, se para ela tiver resposta...

Para que serve tudo isto, os meus livros, a minha própria vida?

Respondo: serve para o que serve e interessa a quem interessar.

Conhece os seus defeitos?

Conheço.

Casmurro é um deles?

Casmurro não será a palavra justa, nem sequer obstinado.

Teimoso?

Nem sequer teimoso. Sou firme.

Quanto a virtudes: generosidade?

Não sou, com certeza, dos menos generosos.

Nunca sonhou com o Nobel?

Que ideia! O Nobel sucedeu. Eduardo Lourenço disse que a minha vida era uma espécie de milagre. Foi ele quem disse, não eu.

A sua poesia foi um sonho breve?

Não penso voltar à poesia. Como poeta, não tinha asas bastante fortes para voar mais alto. Provavelmente haverá mais poesia em qualquer dos meus romances do que se insistisse nos poemas.

A ficção permite-lhe estar mais próximo do absurdo e do sonho de que nos fala também Kafka?

Escrevo para compreender. Creio que é visível nos meus romances.

Ainda não comprou um carro?

Temos um carro em Lanzarote, mas nem eu nem a Pilar conduzimos. É um carro para os amigos que lá vão.

Seis palavras: amor, solidariedade, tolerância, fidelidade, esperança, saudade. Qual prefere?

Ponha aí uma sétima, aquela que eu preferiria: harmonia.

Outras seis palavras: traição, injustiça, cobardia, corrupção, censura, violência. Qual lhe causa maior repulsa?

Repugnam-me todas e juntaria uma outra: crueldade.

Muitas personagens femininas marcam a sua obra. As mulheres são para si a grande força transformadora do mundo?

Gostaria que as mulheres fossem todas como as minhas personagens femininas.

Cumriu a sua missão de pai?

Creio que não me demiti das minhas obrigações.

Próximo romance: *A Viagem do Elefante*. Passa pela filosofia?

Não deve ir por aí. Mas, neste momento, mesmo que lhe abrisse a porta, ainda não iria encontrar lá dentro nada de significativo.

Ambições?

Viver em harmonia. Em muitos aspetos, já a alcancei. Mas não posso viver em harmonia com o mundo que me rodeia.